

CARTOGRAFIA

“Olhares da juventude
negra sobre os territórios”

UNEafro



Instituto de Políticas da Terra
PEREGRUM



Climate and
Land Use Alliance



SUMÁRIO

02 Apresentação Institucional

03 Introdução

04 Apresentação da Mostra

10 Cartografias

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

O Instituto de Referência Negra Peregrum nasceu com a demanda de fortalecer os movimentos negros brasileiros, garantir maior participação política da população negra, dando continuidade ao legado de tantas organizações que chegaram antes de nós.

Avançamos para ser um Instituto que fortaleça a população negra e periférica, trazendo para a centralidade do debate e das práticas sociais demandas específicas e urgentes, em parceria com iniciativas, projetos, organizações e coletivos que auxiliem pessoas negras, moradoras e moradores de territórios periféricos, quilombolas e comunidades tradicionais, com foco em quatro eixos programáticos: Educação Popular, Proteção e Cuidado, Incidência Política e Clima e Cidade.

O debate sobre racismo ambiental e a nossa estruturação caminham lado a lado com os novos desafios postos pelo cenário político, social e econômico dos últimos anos, nos convocando cotidianamente a registrar e aperfeiçoar as estratégias de atuação política, educativa, de defesa dos direitos humanos e de diminuição das desigualdades raciais, sociais e de gênero.

INTRODUÇÃO

O Instituto de Referência Negra Peregum, a partir do eixo Clima e Cidade, pelo terceiro ano consecutivo, desenvolveu o curso de extensão "Combate ao racismo ambiental e às emergências climáticas: uma perspectiva sobre os territórios", que teve por objetivo formar jovens negras(os), graduandas(os) de universidades brasileiras, no combate às diversas violações de direitos causadas pelo racismo ambiental e pelas emergências climáticas nos seus territórios e aproximá-las(los) da agenda do movimento negro sobre o clima.

O curso contou com o percurso formativo entre os meses de maio e outubro de 2025, por meio de oito módulos, com diferentes temas que discutiram os diferentes impactos do racismo ambiental nas periferias, quilombos, terreiros e outros territórios tradicionais de cinco biomas do Brasil (Mata Atlântica, Cerrado, Amazônia, Pampa e Caatinga) e que culminaram nesta cartografia.

Em cada módulo, foram formuladas questões sobre como, nos territórios dos estudantes, acontece o racismo ambiental e o seu enfrentamento, bem como as memórias afetivas desses territórios. O objetivo foi capacitar jovens de diferentes biomas brasileiros por meio da formação acerca do tema Racismo Ambiental e as Emergências Climáticas em diferentes temáticas.

Como uma das atuações do Instituto de racializar o debate climático em diferentes áreas em 2025, o instituto produziu uma ferramenta com o objetivo de trabalhar essa temática na educação formal e informal por meio do processo de cartografia a partir da cartilha "Racismo Ambiental e Emergências Climáticas – uma abordagem dentro e fora da sala de aula". Dessa forma, como uma ação de execução na prática da ferramenta institucional, durante o percurso, os estudantes tiveram a missão de construir um olhar sobre o território, elaborando duas cartografias, uma afetiva e uma de denúncia ao racismo ambiental.

As cartografias apresentadas aqui fazem parte dos muitos esforços do Instituto Peregum em promover o protagonismo da juventude negra no Brasil, reafirmando seu compromisso com a longa trajetória de luta por justiça e a equidade de organizações do movimento negro.

An aerial, high-angle view of a city street grid. The image is stylized with a color palette of red, orange, and blue. The streets and building footprints are rendered in a way that creates a complex, geometric pattern. The text is overlaid on a dark blue rectangular background that spans the middle of the image.

O QUE VOCÊ IRÁ ENCONTRAR NESTA CARTOGRAFIA

Este material foi pensado como uma forma de avaliação da prática pedagógica do curso, cujo resultado tem como finalidade apoiar esses jovens no enfrentamento ao racismo ambiental e às emergências climáticas.

As cartografias aqui presentes nos convidam a mergulhar em um Brasil profundo — das realidades de quilombos espalhados por quatro biomas até a periferia de Belém, cidade sede da COP30. Nesses territórios negros, os próprios estudantes nos mostram como o racismo ambiental se expressa na ausência de infraestrutura básica, revelando as belezas e as vulnerabilidades de cidades e bairros contadas por jovens negros e periféricos graduandos de diversas áreas.

A proposta deste material é compartilhar os processos realizados com os jovens, integrando o conhecimento histórico dos territórios com os conteúdos trabalhados no curso, permitindo que eles se reconheçam como protagonistas nesses espaços. Por meio da construção de mapas e da análise crítica das realidades locais, buscamos oferecer caminhos para que estudantes compreendam como o racismo ambiental impacta seus próprios territórios e, juntos, possam identificar problemas e pensar em estratégias coletivas para minimizá-los ou revertê-los.

Nossa proposta, a partir do conteúdo aqui organizado, é estimular vocês à construção de um novo imaginário, apresentado a partir de contextos diferentes, carregado de saberes, sentimentos, tradições e violações presentes nos territórios rurais e urbanos a partir do olhar da juventude negra. Corpos que acessaram um fruto da luta do movimento negro, as cotas raciais e outras ações afirmativas por meio do ensino superior na universidade e, hoje, podem ser agentes transformadores de seus territórios e da estrutura universitária, levando em conta a ancestralidade e a história das suas comunidades.

Ao final, esperamos que esta cartografia contribua para a valorização de uma educação crítica e transformadora, e que fortaleça a trajetória de novos estudantes e comunidades na luta contra o racismo ambiental e por justiça climática.


Boa leitura!

METODOLOGIA

A ação de construção da cartografia foi realizada a partir da proposta de que cada estudante do curso produzisse dois mapas de seus territórios. Um processo que, ao longo dos meses, eles puderam construir de maneira individual e coletiva, ou seja, a partir de um processo de escuta com o terreiro, andando pelas comunidades, observando as transformações na paisagem a partir do trajeto do ônibus e outras formas como foram compartilhando ao longo do tempo.

Os jovens puderam, a partir dos módulos, responder a algumas perguntas, como: O que vocês sabem da história de ocupação da região? Existem equipamentos de educação (creches, escolas, cursinhos populares, universidades, etc.)? Existem equipamentos públicos de saúde? Possui rios, lagos, mata? No seu território, existem tecnologias ancestrais ou tecnologia social? Quem são as guardiãs e guardiões desses saberes? Na sua comunidade, existem terreiros, igrejas e outros espaços religiosos? Existem festas e mutirões que organizam ações comunitárias no bairro? Há outras ações de luta e resistência no seu território que você queira comentar?

Os mapas buscaram traduzir as conexões das juventudes com os territórios, revelando memórias, saberes, sentimentos e coletividades que compõem a história de cada lugar. Também possibilitam produzir conhecimento sobre o racismo ambiental, reconhecer e relacionar as questões identificadas na cartografia com os limites e possibilidades de adaptação e mitigação e discutir estratégias coletivas de articulação local, estimulando que se engajem no ativismo pelo clima, saibam sobre a COP e lutem pelos seus direitos.

An aerial, high-angle photograph of a city street grid, tilted at a 45-degree angle. The image is colorized with a high-contrast, graphic style: one half of the grid is a vibrant red, and the other half is a deep blue. The perspective creates a strong sense of depth and geometric pattern.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

“Vocês são o mapa da dignidade, mesmo quando não aparecem nos mapas oficiais.”

É com essa frase que abrimos este território — vivo, pulsante, feito de corpos que caminham, lembram, lutam e sonham. As cartografias que compõem esta exposição nascem das mãos, dos afetos e das memórias de jovens negras e negros que ousaram olhar seus territórios como quem reencontra o espelho da própria história.

O Instituto de Referência Negra Peregum, por meio do eixo **Clima e Cidade**, convidou a juventude a desenhar o Brasil que resiste, que denuncia e que sonha. Cada mapa, cada frase, cada imagem aqui exposta é um ato político de reexistência — um gesto de devolver voz e centralidade às comunidades que enfrentam, cotidianamente, as marcas do racismo ambiental.

Essas juventudes caminharam por suas ruas, atravessaram pontes, escutaram terreiros, dialogaram com rios, com os ventos e com as memórias. No processo, descobriram que o território não é só chão: é corpo, é herança, é sagrado. E que falar dele é, também, falar de si. “Falar sobre o meu território é reviver a minha identidade, o meu passado, o meu presente e o meu futuro”, diz uma das vozes que ecoam neste espaço.

As cartografias reunidas revelam um país que se move entre a beleza e a desigualdade.

Nos mapas, aparecem rios e ruas, terreiros e fábricas, becos e florestas, periferias e quilombos — territórios onde o racismo ambiental é visível nas enchentes, no calor extremo, na ausência de infraestrutura, mas também na resistência das comunidades que transformam vulnerabilidade em potência.

Este é o grito coletivo que se ergue desta mostra. É a denúncia de que as mudanças climáticas têm cor, endereço e classe social. Mas também é um convite à esperança:

“O futuro é agora, e ele pode — e deve — ostentar o nosso nome e a nossa identidade.”

Olhares da juventude negra sobre os territórios é, portanto, uma celebração da memória, da luta e do sonho. É o retrato de uma geração que faz da cartografia um manifesto e do mapa, uma tecnologia de cura e justiça. Juventudes que sabem que defender pessoas negras é lutar não só pelo direito de viver, mas pelo direito de sonhar. E que, ao traçarem seus territórios, estão também redesenhando o Brasil — um Brasil negro, periférico, ancestral e vivo.

Ailton Seabra Borges
Ana Beatriz das Chagas Xavier
Breno Gomes Pereira
Camilli Leopoldina Nascimento Maia
Camilly Goes Cardoso
Caroline de Oliveira Rocha
Catarina Matos dos Santos
Dayanna Gomes de Moura
Dulcielle do Nascimento Campelo
Eduardo Marques
Fabiola Tayane da Silva
Gabriela Góes Mercedes
Gabriella Inácio Nunes
Kamilly Lara Silva dos Santos
Karoline Martins de Deus
Kesava Yasmim Silva De Menezes
Kiara Trindade da Silva

Lorena Kelvia de Paula Muniz
Luana Pereira de Souza
Luciane Baptista Franco Lima
Maíra Santos de oliveira Pereira
Marcia Cristina de Jesus Tavares
Maria Eduarda Martins Oliveira
Maria Eduarda Mendes Barros
Nicolas Coutinho Monteiro
Pâmella dos Santos Bianco
Rayane Kathleen da Silva Araujo
Rodrigo Souza de Souza
Sara Helena Camilo de Paula
Stéfani Soares Almeida
Suiane Conceição do Nascimento
Wagner Correa Cardoso
Wesley Farias Pereira



Rayane Kathleen da Silva Araujo - Campinas, SP, mata atlântica
foto: Helbert Rodrigues

“É doloroso ver como a terra que me sustenta, e que sustentou os meus ancestrais, está sendo esvaziada, saqueada, subtraída de sua essência.

A cada prédio que se levanta, é um degrau que precisamos subir para mostrar ainda mais o que somos, onde estamos — e que, não importa quantos prédios sejam construídos, ainda assim lutaremos pela sobrevivência e pela resistência, pois tudo o que enfrentamos nos fortalece.”

Rayane Kathleen da Silva Araujo



Luciane Baptista Franco Lima - Rio de Janeiro, RJ, mata atlântica



Rayane Kathleen da Silva Araujo - Campinas, SP, mata atlântica
foto: Helbert Rodrigues

**“Aqui, o nosso tambor ecoa mais alto que
cada construção que surgirá.**

Este território não é só físico: ele é político, é histórico,
é espiritual.

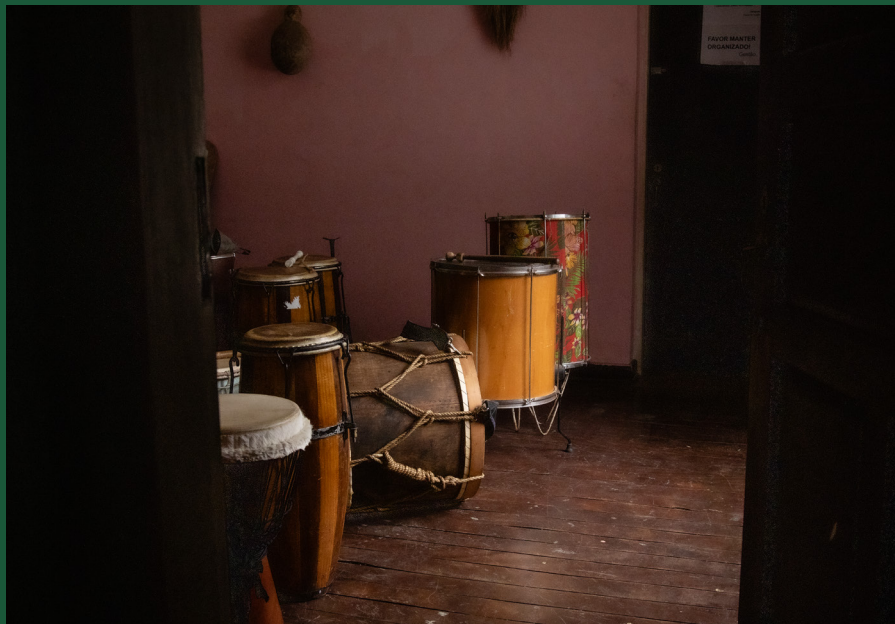
E, ao falar sobre ele, falo também de mim
e de toda a ancestralidade que vive em mim.

Ao preservá-lo, garanto a continuidade de um legado de luta, de
resistência e de renovação.”

Rayane Kathleen da Silva Araujo



Lorena Kelvia de Paula Muniz - Fortaleza, CE, caatinga



Rayane Kathleen da Silva Araujo - Campinas, SP, mata atlântica
foto: Helbert Rodrigues

“O jongo é estruturado em rodas marcadas pelo toque dos tambores.

O ritmo conduz a dança, enquanto os pontos cantados
improvisam saberes,
conselhos, ironias e críticas sociais. Historicamente, esses
pontos funcionavam como códigos secretos entre os
escravizados, escapando à vigilância senhorial.
No centro da roda, os dançadores evocam ancestralidade,
resistência e celebração.
O jongo não é apenas arte: é vivência sagrada e ato político.”

Rayane Kathleen da Silva Araujo



Kiara Trindade da Silva - Parintins, AM, Amazônia

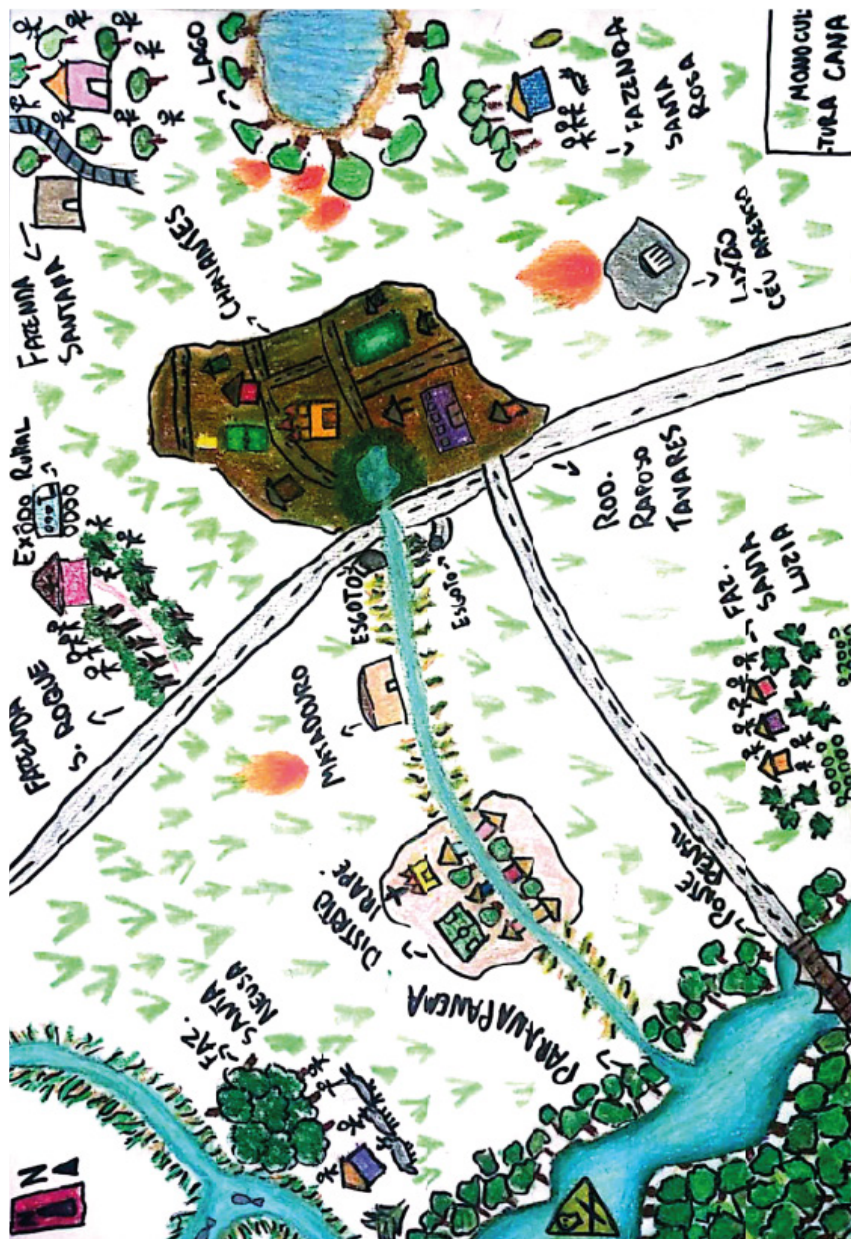


Rayane Kathleen da Silva Araujo - Campinas, SP, mata atlântica
foto: Helbert Rodrigues

**“Se a especulação ergue muros, o jongo
abre rodas.**

Se o capital tenta silenciar, o tambor ecoa mais alto.
O enfrentamento ao racismo ambiental é também a reafirmação
de que
a terra, a memória e a cultura não estão à venda — são herança,
são vida e são resistência.”

Rayane Kathleen da Silva Araujo



Eduardo Marques - Assis, SP, cerrado



Camilli Leopoldina Nascimento Maia - Nova Viçosa, BA, mata atlântica

**“É preciso articular preservação
ambiental, reconhecimento cultural e
respeito religioso**

para garantir um futuro equilibrado,
que mantenha nossa identidade e melhore a qualidade de vida
das próximas gerações.”

Pâmella dos Santos Bianco





Lorena Kelvia de Paula Muniz - Fortaleza, CE, caatinga

“Em ambos os mapas, trouxe os rios como elementos centrais.

Eles são parte fundamental da vida em Nova Iguaçu. Representam riquezas naturais, mas também vulnerabilidades — principalmente quando chove, quando a falta de infraestrutura urbana se revela. Por isso, os rios são símbolos do meu vínculo com a cidade e das desigualdades que percebo no dia a dia.”

Camilly Goes Cardoso



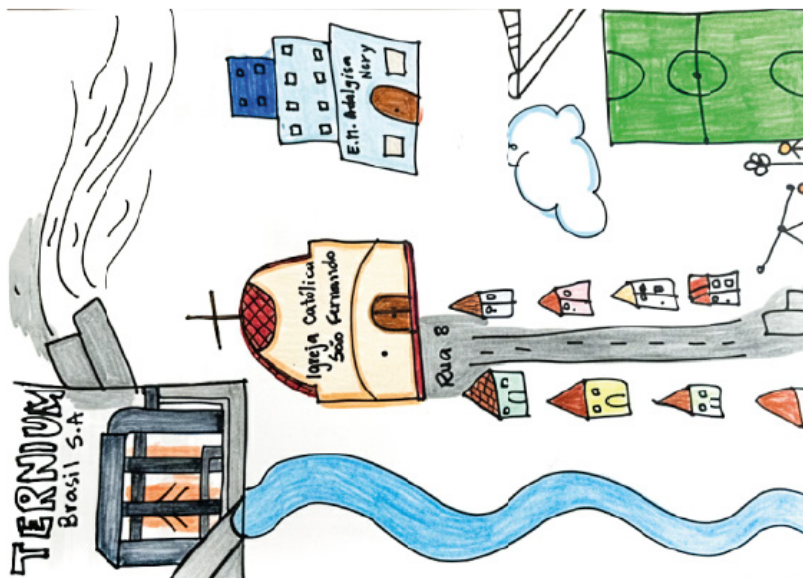
Lorena Kelvia de Paula Muniz - Fortaleza, CE, caatinga

**“São Fernando é território de contrastes:
de um lado, a pressão industrial;**

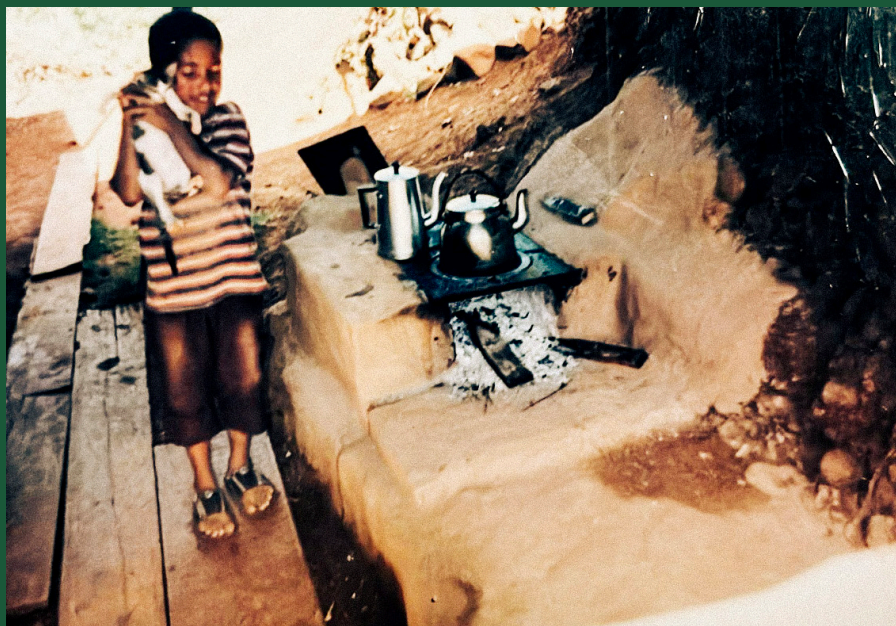
**do outro, a força da coletividade que transforma ruas,
praças e canais em lugares de afeto.**

**Mais do que um conjunto, é um lar — onde cada canto carrega
a marca da luta e da esperança de quem vive e resiste.”**

Ana Beatriz das Chagas Xavier



Ana Beatriz das Chagas Xavier - Rio de Janeiro, RJ, mata atlântica



Eduardo Marques - Assis, SP, cerrado

Os territórios negros são mais do que espaços físicos — são existência negra em sua forma mais plena.

Neles há vida, memória, continuidade e sonho. Fora deles, o que nos acompanha é a morte, a violência e o silenciamento. Esses territórios desafiam os espaços dominantes, brancos e coloniais, estruturados pelo capital, pelo avanço e pela propriedade que mata.

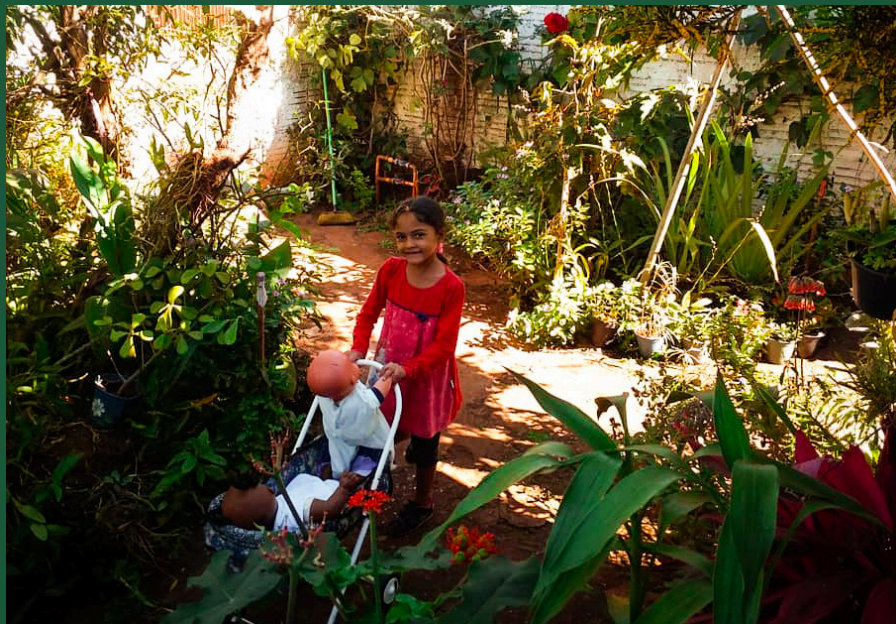
Eduardo Marques

JARDIM MARAVILHA



JARDIM MARAVILHA



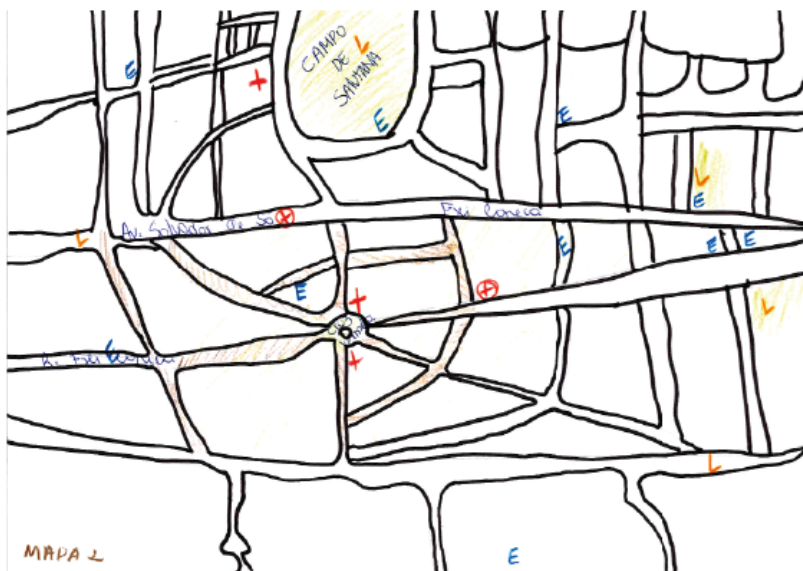


Eduardo Marques - Assis, SP, cerrado

“Nosso modo de estar no mundo, desde o território, desafia essas estruturas.

Falamos de comunidade, espiritualidade e coexistência com a natureza, enquanto eles falam de dominação. Defender pessoas negras é lutar não só pelo direito de viver, mas pelo direito de sonhar.”

Eduardo Marques





Gabriella Inácio Nunes - Rio de Janeiro, RJ, mata atlântica

“Mesmo com o medo e o deslocamento de muitas famílias que buscam segurança em outras regiões, há formas de luta e permanência que se afirmam.

As crianças brincando na rua, conhecendo seus vizinhos e reivindicando suas infâncias constituem uma tecnologia de resistência e bem viver. Essas ações, ainda que não formalizadas como mutirões ou coletivos, funcionam como práticas de fortalecimento comunitário semelhantes às vividas em territórios quilombolas e periféricos.”

Gabriella inácio Nunes



PLANTANDO SABERES
Horta Comunitária.



ASS. VILA ESPERANÇA (CASA VERDE)
O coração da Vila.



TAPETE LITERÁRIO
Projeto de incentivo à leitura.

VILA ESPERANÇA

UM PROJETO QUE VAI ALEM DE MORADIA



QUINTAL QUILOMBO
Espaço cultural e de saberes ancestrais e sociais.



+ DE 800 FAMÍLIAS
Maioria chefiada por mulheres



PLANO DE BAIRRO
Assessoria e Assistência técnica em arquitetura e urbanismo.

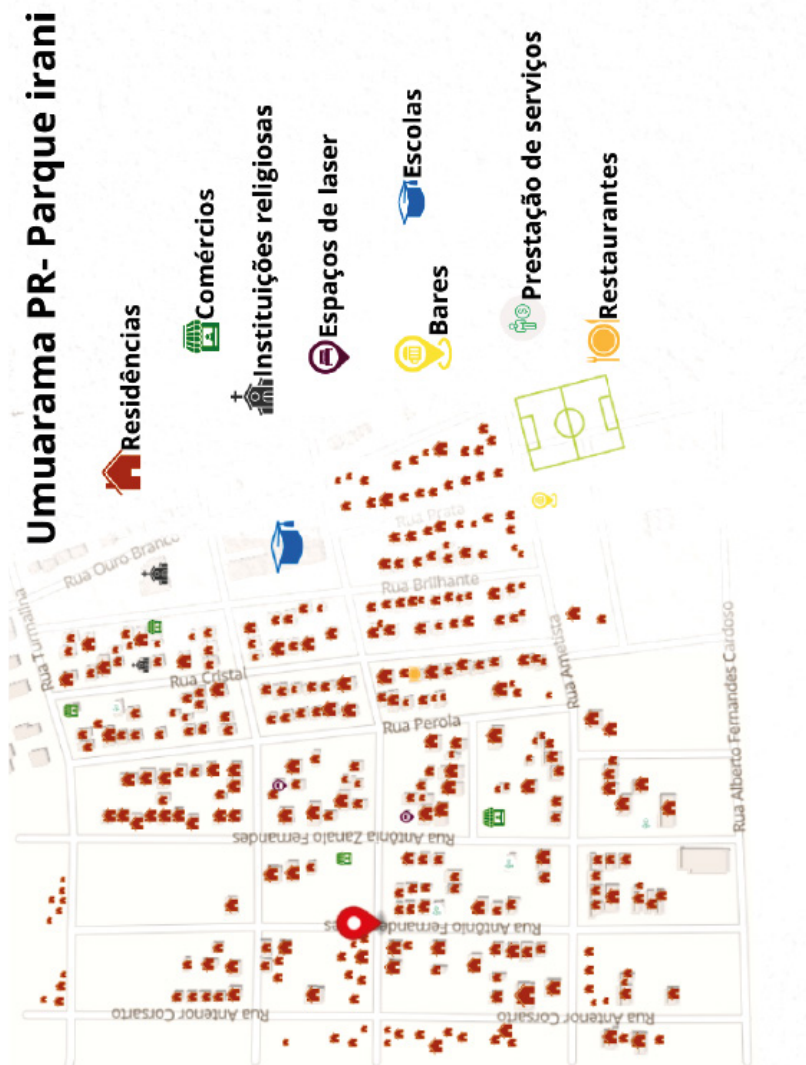


Fabíola Tayane da Silva - Recife, PE, mata atlântica

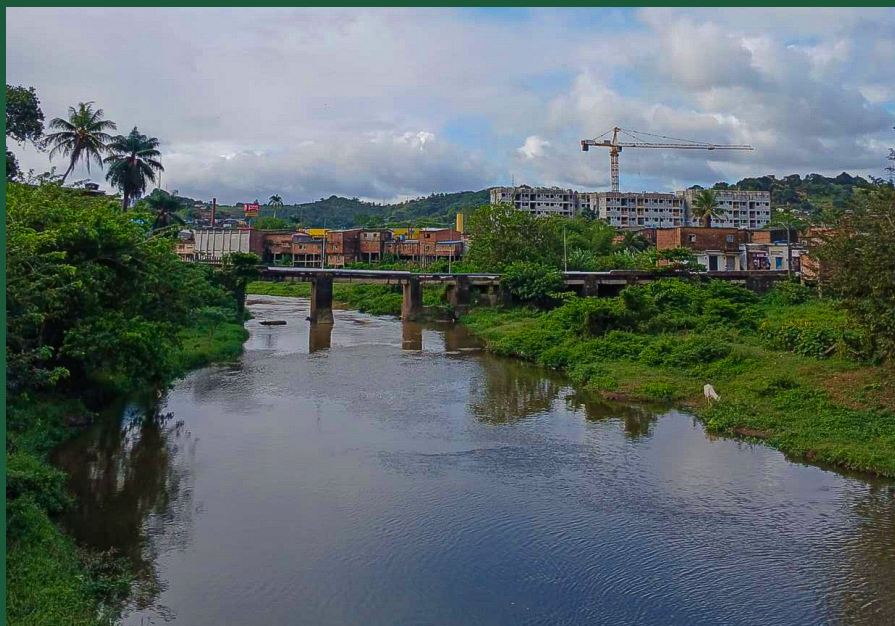
“O Recife é hoje uma das cidades mais vulneráveis do mundo à crise climática.

Até 2050, parte de sua orla e áreas centrais podem desaparecer devido ao aumento do nível do mar. Esse risco se soma a um processo histórico de urbanização desenfreada, que aterrou mangues e rios para erguer avenidas, shoppings e condomínios de luxo.”

Fabíola Tayane da Silva



Stéfani Soares Almeida - Umarama, PR, mata atlântica



Fabíola Tayane da Silva - Recife, PE, mata atlântica

**“O rio sempre fez parte da minha infância.
Tenho vários registros na memória de
atravessar a ponte de mãos dadas com
minha mãe enquanto conversávamos.**

O rio sempre foi uma referência, era por ele — por meio da ponte — que atravessava para ir com minha mãe fazer compras, ir ao banco e passear.”

Fabíola Tayane da Silva

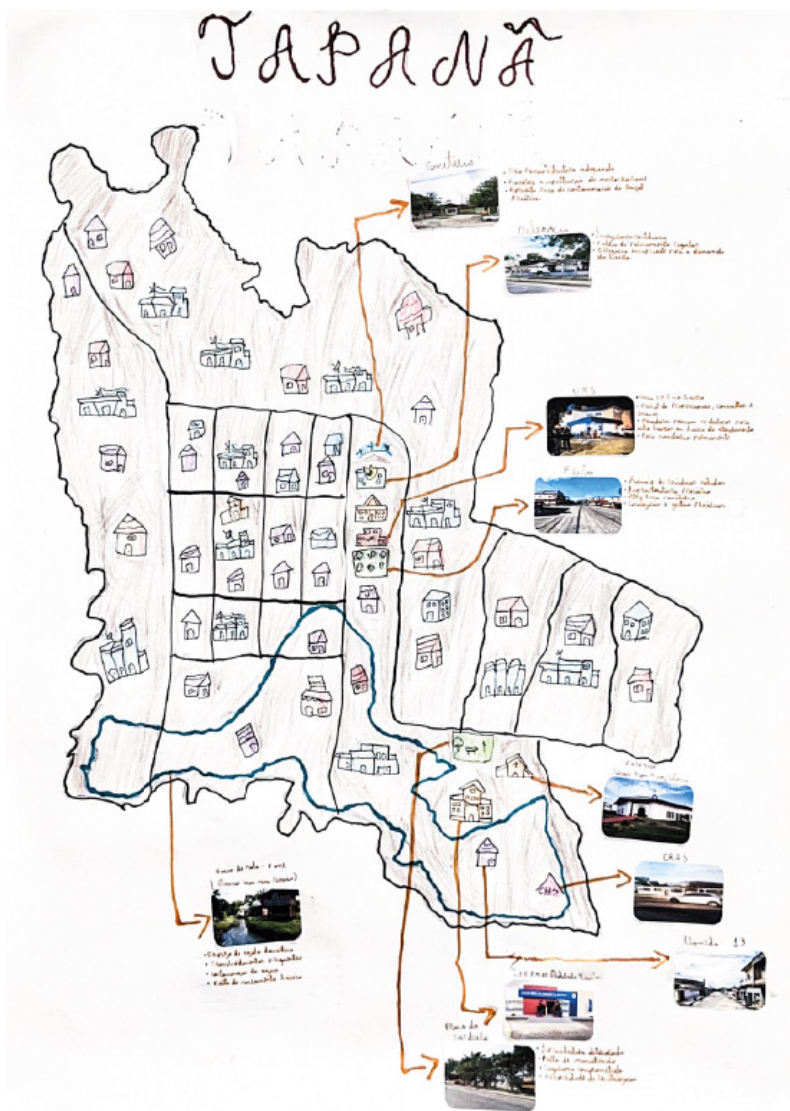


Kiara Trindade da Silva - Parintins, AM, amazônia

“O território de Acaú é rico em tecnologias ancestrais e sociais, muitas vezes invisibilizadas, mas primordiais para a vida da comunidade.

Entre elas estão os saberes da pesca artesanal, o uso de plantas medicinais, os mutirões de limpeza e construção, o partilhar de alimentos e as práticas de solidariedade entre vizinhos.”

Breno Gomes Pereira



Kesava Yasmim Silva de Menezes - Belém, PA, amazônia



Camilli Leopoldina Nascimento Maia - Nova Viçosa, BA, mata atlântica

“No culto jeje, o Iroko é o vodun do Humgebê — guardião do tempo e da idade das pessoas.

Ele nos lembra que cada folha, cada transformação, é um marcador da passagem do tempo e da vida. Na diáspora, nossos ancestrais fizeram do círculo em torno do Iroko um pacto de memória.”

Catarina Matos dos Santos



Rayane Kathleen da Silva Araujo - Campinas, SP, mata atlântica

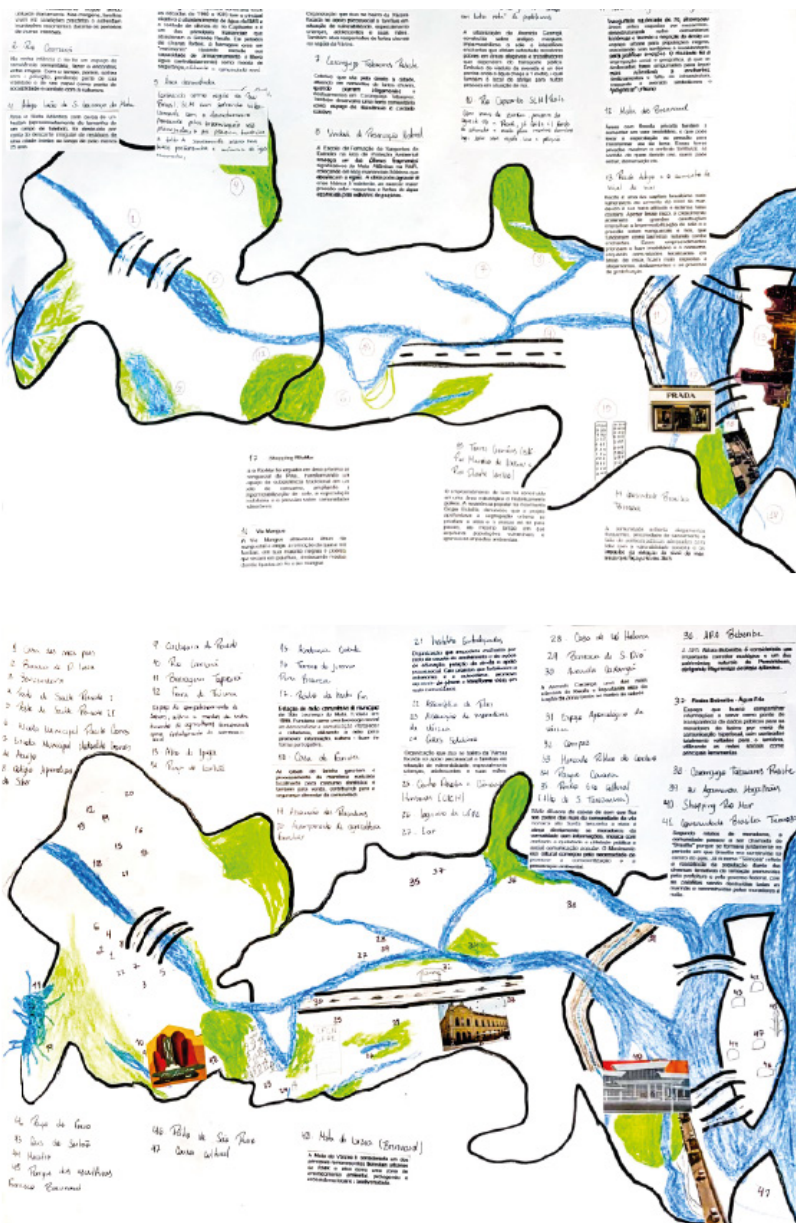


Luciane Baptista Franco Lima - Rio de Janeiro, RJ, mata atlântica

“A especulação imobiliária chegou como uma praga.

Onde brotavam folhas de Ossanha, que antes era caminho de terreiro, hoje há apartamentos — rota de cimento, de interesse e de lucro.”

Catarina Matos dos Santos



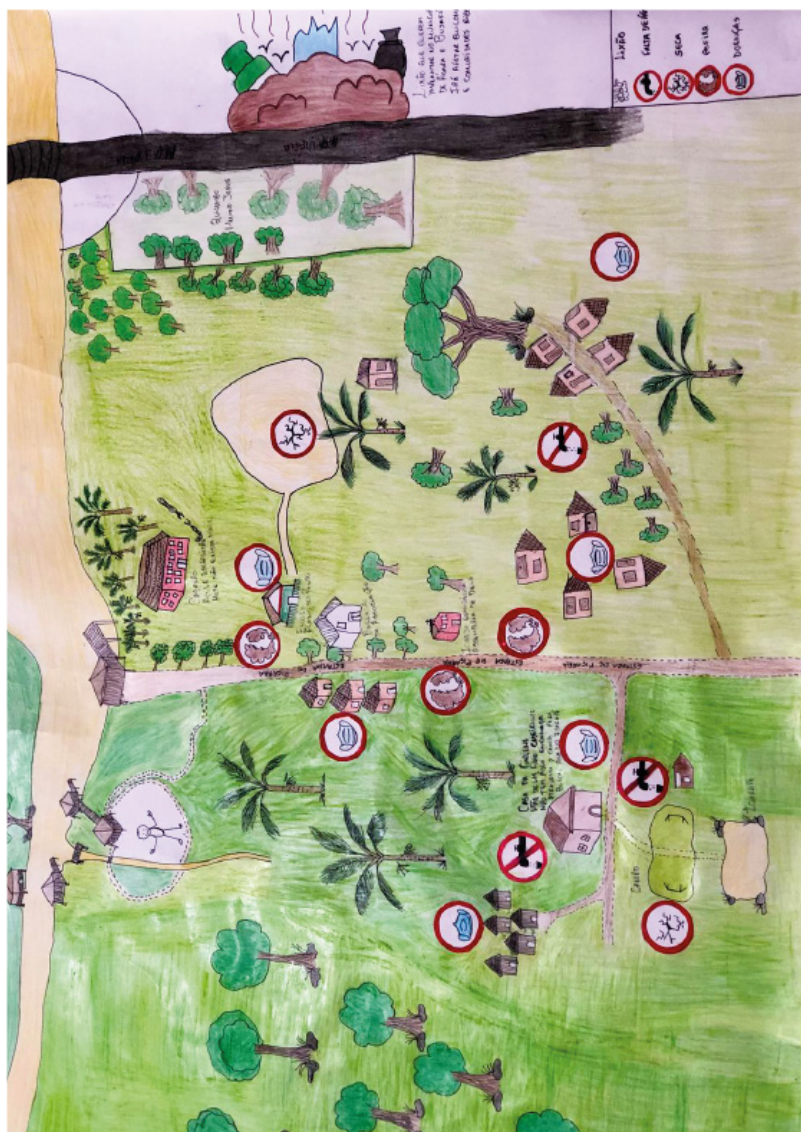


Kiara Trindade da Silva - Parintins, AM, amazônia

“O território de São Paulo do Açu – Rio Andirá também é palco de lutas e resistências.

Inspirada na luta dos territórios quilombolas, a comunidade organiza-se em movimentos que reafirmam a importância da terra, da cultura e da ancestralidade como caminhos de sobrevivência e dignidade.”

Kiara Trindade da Silva



Ailton Seabra Borges - Acará, PA, amazônia

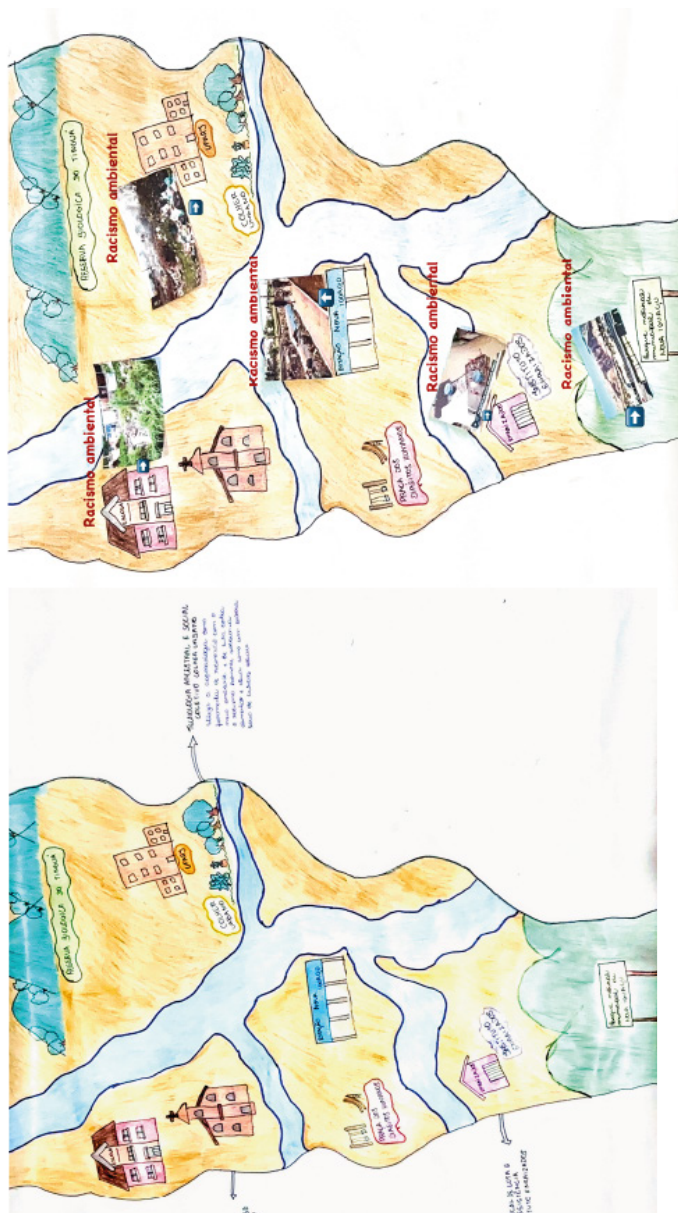


Luciane Baptista Franco Lima - Rio de Janeiro, RJ, mata atlântica

“No fundo, amigo, o que ficou claro é que patrimônio imaterial não é algo distante ou abstrato. Ele vive no corpo, na música, nos rituais, nas práticas cotidianas.

E mais do que preservar uma ‘tradição’, é lutar contra o apagamento e o racismo que insistem em tirar das comunidades negras e periféricas o direito de viver sua cultura plenamente.”

Dayanna Gomes de Moura



Camilly Goes Cardoso - Nova Iguaçu, RJ, mata atlântica



Eduardo Marques - Assis, SP, cerrado

“Habitar a Leopoldina é viver em um lugar que, mesmo atravessado por racismo ambiental, abandono, poluição, enchentes e desigualdades, segue sendo espaço de potência.

É dessa memória e dessa resistência, somando indígenas, escravizados, trabalhadores migrantes e moradores de hoje, que nasce o mapa afetivo — um retrato da minha relação com o território, que me atravessa e que eu ajudo, junto de muitos, a manter vivo.”

Luciane Baptista Franco Lima



Luana Pereira de Souza - São João da Ponte, MG, cerrado



Ailton Seabra Borges - Acará, PA, Amazônia

“Somos um povo que constrói ciência, cultura, espiritualidade e educação. Contribuímos, todos os dias, para o que este país é — ou poderia ser.

Lutamos por justiça social, por dignidade de vida. E, ainda assim, a maior parcela da riqueza segue concentrada nas mãos da branquitude, perpetuando o apagamento sistemático dos nossos corpos e das nossas memórias.”

Ailton Seabra Borges



Sara Helena Camilo de Paula - Nova Lima, MG, mata atlântica



Gabriella Inácio Nunes - Rio de Janeiro, RJ, mata atlântica

**“O futuro é agora, e ele pode — e deve —
ostentar o nosso nome e a nossa identidade.**

Ninguém melhor que vocês para escrever novas páginas desse
livro. Ninguém além de vocês será capaz de reproduzir o
sentimento ancestral que corre em suas veias.”

Karoline Martins de Deus



Catarina Matos dos Santos - Salvador, BA, mata atlântica



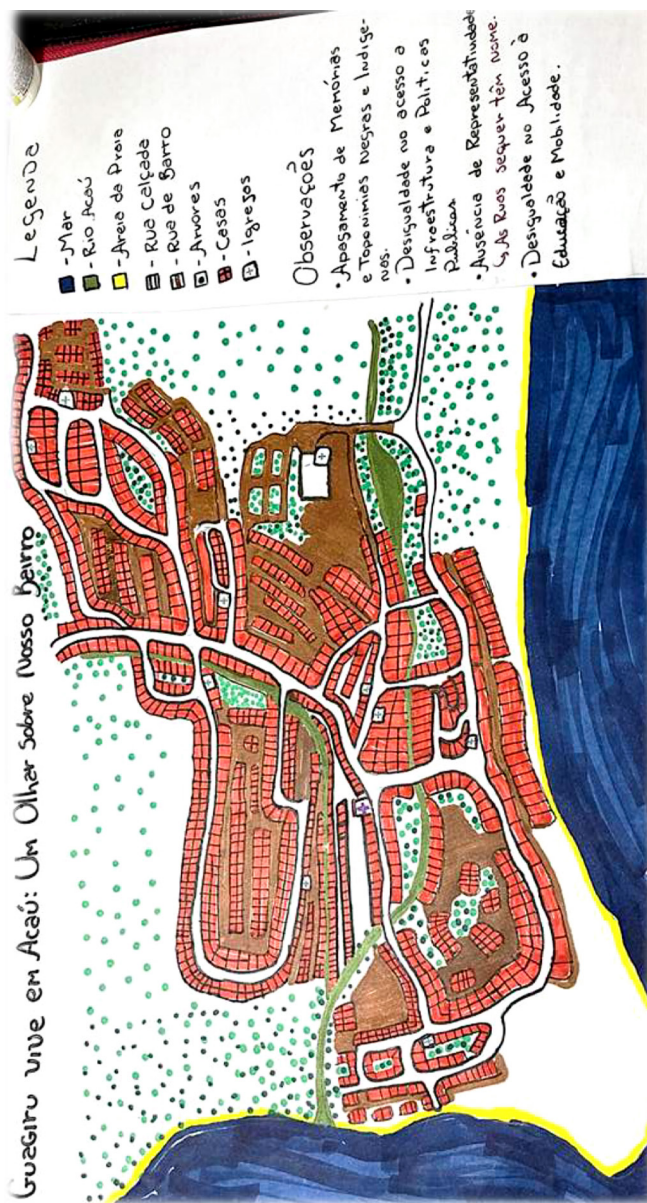
O terço e o atabaque

Camilli Leopoldina Nascimento Maia - Nova Viçosa, BA, mata atlântica

“Amanhã, depois da reza, todos devem se achar lá no largo da matriz, para o mastro levantar.

As moças para incluir e os homens para trabalhar. Soldado peão de Cristo que lutava na cruz de Deus... No pico do alto mastro, vê sua imagem querida.” — Canto entoado por Seu Zé Maria na abertura dos festejos de São Sebastião

Camilli Leopoldina Nascimento Maia



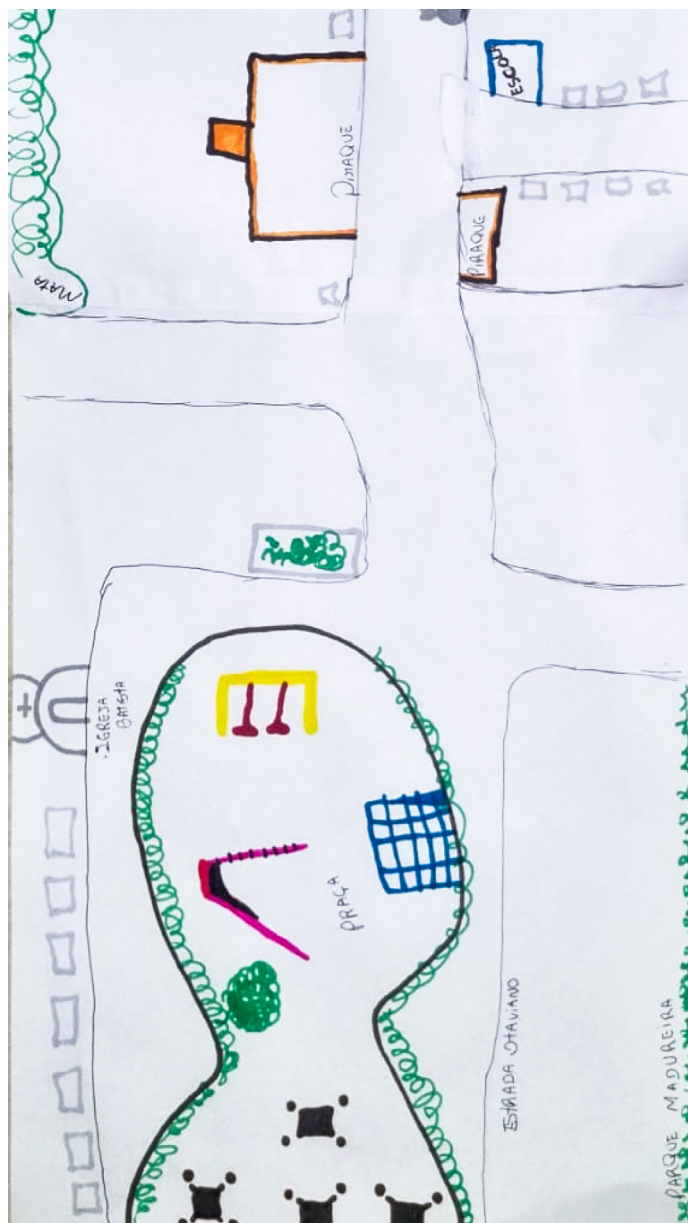


Luana Pereira de Souza - São João da Ponte, MG, cerrado

“Vocês são o mapa da dignidade, mesmo quando não aparecem nos mapas oficiais.

Sabem ler o tempo pelo vento e compreendem que o que se planta com dor, colhe-se com justiça. E mesmo que o mundo insista em nos invisibilizar, há saberes pulsando nos becos, há ciência preta nos quintais, há cura onde disseram que só havia carência.”

Breno Gomes Pereira



Gabriella Inácio Nunes - Rio de Janeiro, RJ, mata atlântica



Lorena Kelvia de Paula Muniz - Fortaleza, CE, caatinga

“Quando descobri o que são as ‘zonas de sacrifício’, senti revolta.

É como se existisse um mapa invisível que define quais territórios podem ser destruídos para garantir o conforto de outros. E esse mapa, injustamente, aponta sempre para os mesmos lugares: comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, periferias... nunca para os ricos, nunca para os centros de poder.”

Wesley Farias Pereira

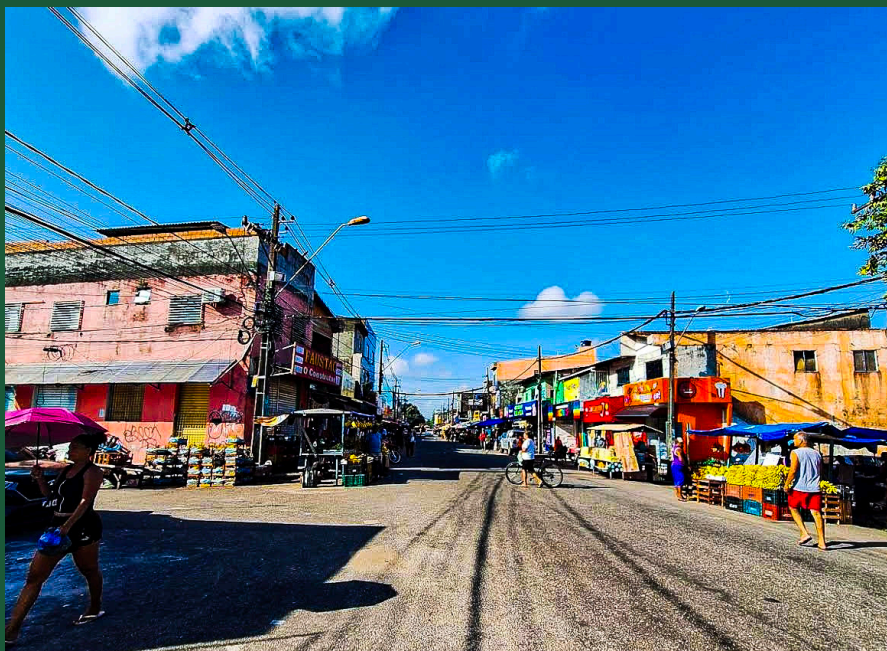


Eduardo Marques - Assis, SP, cerrado

“Na aula, aprendemos que a adaptação às mudanças climáticas precisa estar integrada ao orçamento público.

Isso significa que políticas e recursos devem priorizar medidas capazes de reduzir os impactos dos eventos extremos e proteger as comunidades mais vulneráveis. Investir em prevenção e adaptação é investir em futuro, garantindo que as áreas mais afetadas recebam atenção e recursos adequados. Esse módulo mostra como pensar a gestão financeira pública é também pensar em resiliência climática.”

Stéfani Soares Almeida



Kesava Yasmim Silva de Menezes - Belém, PA, amazônia

“O bairro do Tapanã revela as contradições das periferias urbanas amazônicas.

Enfrenta desafios como o saneamento precário, as enchentes, os riscos ambientais e o transporte limitado, mas resiste com força e criatividade, através de feiras, terreiros, hortas e projetos sociais. Superando o estigma da pobreza, tornou-se um território populoso e culturalmente vibrante. Reconhecer suas fragilidades e potencialidades é fundamental para construir políticas públicas que unam a inventividade dos moradores a investimentos estruturais duradouros.”

Kesava Yasmim Silva De Menezes



Lorena Kélvia de Paula Muniz - Fortaleza, CE, caatinga

“Atualmente, estou produzindo meu TCC e espero que a Lorena do futuro o conclua da melhor forma.

Nele, abordo a adaptação às mudanças climáticas em áreas periféricas da cidade. Quando falamos em adaptação, tratamos de compreender como as cidades, os sertões e as comunidades podem se reorganizar diante dos impactos climáticos — e, principalmente, quem são as pessoas que vivem e resistem nesses territórios.”

Lorena Kélvia de Paula Muniz



Lorena Kelvia de Paula Muniz - Fortaleza, CE, caatinga

“Durante meu processo de estudos, de fortalecimento do pertencimento e de desenvolvimento pessoal, compreendi que o território é um espaço simbólico de existência, onde se constroem as relações humanas de um povo.

Cultura, história, língua e etnia fazem parte desse espaço e, consequentemente, compõem a identidade das pessoas que nele vivem.”

Suiane Conceição do Nascimento



Sara Helena Camilo de Paula - Nova Lima, MG, mata atlântica

EXPEDIENTE

DIRETORA INSTITUCIONAL

Vanessa Nascimento

DIRETORA DE ÁREAS E ESTRATÉGIA

Beatriz Lourenço

DIRETOR DE ARTICULAÇÃO POLÍTICA

Douglas Belchior

ORGANIZAÇÃO

Instituto de Referência Negra Peregum

Eixo de Clima e Cidade

Desirée Carneiro

Gisele Brito

Maíra Silva

Mariana Teixeira

Coordenação do Curso

Maíra Silva

Redação

Maíra Silva

Mayara Nunes

Mariana Teixeira

Revisão

Mayara Nunes

Renata Toni

Projeto Gráfico

Camila Nunes

Comunicação

Caio Chagas

Camila Nunes

Luiz Soares

Mayara Nunes

Helbert Rodrigues

Curadoria

Mayara Nunes e Helbert Rodrigues

APOIOS E PARCERIAS

CLUA – Climate and Land Use Alliance

Grupo de Pesquisa Laroyê (UNIFESP)

UNEafro Brasil



Instituto de Referência Negra
PEREGUM



Climate and
Land Use Alliance

